

## **A complexidade das relações entre as estratégias jornalísticas da Lava Jato e da Vaza Jato<sup>1</sup>**

Bianca ROSA<sup>2</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

### **RESUMO**

Apresentamos neste texto algumas reflexões posteriores à finalização do processo que culminou na defesa da dissertação do mestrado, intitulada “Estratégias de Construções Jornalísticas: Lava Jato e Vaza Jato”, defendida em junho de 2021 pela Unisinos. De início, abordamos uma breve contextualização sobre o trabalho, seguido de alguns comentários acerca da problematização teórica e metodologia. Por fim, apresentamos algumas inferências e questionamentos sobre os resultados obtidos da análise empírica, assim como reflexões sobre algumas singularidades deste caso.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo, midiatização, interpenetrações, Lava Jato, Vaza Jato.

Este artigo pretende realizar algumas reflexões pós-defesa da dissertação, justamente ao apontar algumas particularidades encontradas na análise entre as estratégias argumentativas encontradas na relação entre as coberturas jornalísticas da Operação Lava Jato e da Vaza Jato. A referenciada pesquisa teve como objetivo central analisar possíveis disputas, negociações e acoplamentos realizados entre as duas diferentes estratégias jornalísticas, que embora sejam acontecimentos distintos, estão entrelaçados através de suas singularidades. Nesse caso, a Lava Jato é concebida como um nível de acontecimento que revela relações de interpenetração entre os sistemas jurídico e midiático, e a Vaza Jato como ruptura desta estratégia comunicacional, em uma série de acontecimentos que se relacionam e entram em disputa com os sistemas jornalístico e judiciário. Sendo assim, um dos eixos que norteiam a análise é investigar os critérios jornalísticos que foram empregados durante a cobertura da Operação Lava Jato, contrapondo essa visão com a cobertura realizada pela Vaza Jato, levando em conta que nestes dois níveis de acontecimento ocorreram processualidades que envolviam lógicas próprias da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Políticas e Estratégias de Comunicação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em comunicação pela Unisinos, e-mail [biancaOrosa@gmail.com](mailto:biancaOrosa@gmail.com).

---

mediatização, o que em si já confere a esse processo interacional uma transformação em sua ambiência e processos.

Como problematização teórica, nos valem das proposições de Eliséo Verón (2014), José Luiz Braga (2012) e Antônio Fausto Neto (2010; 2012; 2018), que em seus textos apontam uma dinâmica comunicacional própria da mediatização, trazendo como características a distinção de lógicas diferentes das que ocorriam na era dos meios; introduzindo a ideia da dinâmica da circulação, que provoca na relação entre circuitos uma profusão de sentidos diversos; assim como a não-linearidade de causa e efeito em seus processos que destacam circuitos de feedbacks não-lineares, contatados através da circulação. Levando em conta esses indicadores, um dos fenômenos que mais são evidenciados na relação entre os diferentes circuitos que emergem dos acontecimentos jornalísticos recentes é justamente o da circulação.

### **Circulação e interpenetrações**

O conceito de circulação é um dos aspectos que analisamos de maneira mais aprofundada ao investigarmos as novas dinâmicas comunicacionais dentro do jornalismo em uma sociedade em vias de mediatização. Isso se justifica porque, dentro da ambiência mediatizada, a circulação é uma das noções oferecidas para compreendermos as novas dinâmicas comunicacionais, através das quais se manifestam atravessamentos e interpenetrações de estratégias narrativas entre diferentes sistemas, como o do direito e o da comunicação. No contexto contemporâneo podemos perceber uma nova ambiência comunicacional, na qual as relações entre produção e recepção se tornam cada vez mais complexificadas:

Sofrendo as injunções dos processos de mediatização crescente, a circulação complexifica seus papéis, ao organizá-los segundo novas dinâmicas de interfaces. Este fenômeno enseja que novas hipóteses sejam formuladas acerca da existência deste ‘terceiro polo’, no processo comunicacional. A circulação deixa de ser um elemento invisível ou insondável e, graças a um trabalho complexo de linguagem e técnica, segundo operações de dispositivos, explicita sua ‘atividade construcionista’, gerando pistas, instituindo novos objetos e, ao mesmo tempo, procedimentos analíticos que ensejem a inteligibilidade do seu funcionamento e dos seus efeitos. (FAUSTO NETO, 2010, p.3)

Através da perspectiva que enxerga a circulação como diferença da interpenetração entre diferentes sistemas é que nos detemos em observar a relação entre

---

a Lava Jato e a Vaza Jato, pois uma ocorrência deriva da outra, o que gera uma nova dinâmica interacional entre elas, e novos sentidos a partir destas interações. A partir do surgimento da Operação Lava Jato, a Vaza Jato emerge como uma ruptura de sua narrativa, cuja complexidade desencadeia uma série de relações entre circuitos diversos, gerando feedbacks complexos, complexidade permeada pelo fenômeno da circulação. A partir dessa noção, percebemos então uma própria transformação sobre a noção de acontecimento jornalístico, que se configura como uma construção, na medida em que ingressam novos atores, que aderem a novas lógicas.

Partindo da problematização sobre circulação, um dos conceitos que contribuem com a percepção desta dinâmica é a ideia de interpenetração, desenvolvida pelo sociólogo alemão Niklas Luhmann (2016). O pesquisador traz em sua pesquisa um estudo sociológico que tem a comunicação como elemento central, pois ela possui a função de regular as relações entre sistema e ambiente. Sendo assim, oferecemos aqui alguns aspectos sobre a teoria luhmanniana, com o cuidado de não trazer um aprofundamento sobre a teoria completa do autor, pois acreditamos que a comunicação é uma área de conhecimento multidisciplinar, que dialoga com outros campos de saberes, tais como sociologia, filosofia, antropologia, entre outros. É exatamente esse diálogo com outros saberes que pode nos ajudar a compreender melhor o universo comunicacional, o que contempla a análise do caso estudado.

Luhmann (2016) propõe, na Teoria dos Sistemas Autorreferenciais, um tipo de relação que ocorre quando um sistema coloca à disposição a sua própria complexidade para construir um outro sistema, o que pressupõe uma correlação de forças evidentes na relação entre seres humanos e sistemas sociais. Dessa forma, a interpenetração é o conceito para a análise dessa relação, proposta como uma dinâmica que realiza interações entre dois sistemas, sem que estes se modifiquem em suas essências. O que ocorre é uma nova dinâmica, em que outros sentidos são produzidos, por conta da comunicação estabelecida, e essa interação colabora com a criação de novos sistemas, dinâmica explicada através da noção de autopoiese, conceito que define a autoreprodução de uma espécie, e que foi deslocado da biologia para as ciências sociais pelo próprio Luhmann, ao considerar a observação do objeto através da interação entre seus elementos. Conforme conceitua o autor, “a teoria dos sistemas parte da unidade de diferença entre sistema e ambiente”(LUHMANN,2016,p.240). A partir da diferenciação sistêmica compreendemos “a repetição da diferença entre sistema e ambiente no interior dos

sistemas”, (LUHMANN, 2016, p.23). sendo o sistema total empregando a si mesmo como ambiente em suas próprias formações de subsistemas, fazendo com que se componha um sistema diferenciado composto de diferenças operativamente utilizáveis entre sistema e ambiente. Assim, compreendemos a Vaza Jato e a Lava Jato como sistemas que se interpenetram através das relações entre diversos campos (jurídico, jornalístico, midiático, político), gerando, através das interações entre eles, produções de sentidos diversas, que geram outros sistemas.

Percebemos, no entanto, que a circulação de sentidos já se inicia no momento em que o acontecimento é percebido na ambiência jornalística por seus atores individuais, se transformando em intrigas e sendo recriado. E uma vez que é posto em circulação, por meio das interpenetrações, esse acontecimento passa a criar tensões entre sistemas, gerando um novo sentido a cada contato, produzindo novas percepções. Nessas tensões, as alterações não se dão apenas em termos de fluxo de informações, mas interferem na estrutura dos sistemas que se interpenetram, alterando processos e instaurando novas lógicas de funcionamento. A ambiência da midiática, que é viabilizada através da internet e das redes, permite, por meio das suas conexões, que o processo de correferencialidade se amplie a todos os dispositivos do sistema, fazendo com que novos acontecimentos sejam provocados através de disputas e/ou negociações, vindas de interpenetrações de sistemas. O acontecimento, dessa forma, retorna midiaticizado para a sociedade, porém autorreferenciado. Suas manifestações não são mais centradas nas mídias, mas sofrem a afetação dos processos tentativos dos diferentes sistemas, através de dispositivos diversos, como redes sociais, sites, blogs, e as próprias mídias.

Ou seja, quando o acontecimento começa a circular pelo aparato midiático, modificando e sendo modificado por ele, ele afeta de forma mais perceptível os campos sociais. Então os acontecimentos vão se transformando em sentido, porque a notícia que dispara o processo gera uma série de significações novas. O acontecimento em uma sociedade permeada pelo resultado da diferença entre sistemas, pode vir a ser processos fugazes de significação, que se retroalimenta pela autorreferencialidade, e que se reforça a partir das autopoieses, ou seja, só são reproduzidos se os elementos que o compõem forem providos de capacidade de conexão, permitindo o surgimento de novos sentidos e outros novos acontecimentos, os quais derivam dele mesmo. Porém, diferente do que acontecia na era dos meios, em que o acontecimento era um evento fechado e visto como ponto de partida para que a mídia atuasse como mediadora entre a sociedade e o campo

---

jornalístico, na era da ambiência midiaticizada o acontecimento se comporta como uma construção intersistêmica, resultado das disputas e interpenetrações de sentidos que ocorrem através das interações entre os diversos sistemas:

Diferente da era dos meios, em que o acontecimento se tornava visível somente quando era publicado no veículo jornalístico, agora ele ocorre em fluxo contínuo, se tornando um outro fenômeno, que ocupa a ambiência de modo tal, porque os tempos e processos de articulação, de construção e de investigação do discurso judiciário, político e de outros sistemas se entrelaçam com os processos e temporalidades da atividade do jornalismo na sociedade em midiaticização. Nesse sentido, percebemos que, na sociedade midiaticizada, o acontecimento é subsumido por uma outra complexidade, que se torna uma construção intersistêmica. (ROSA, 2021, p.55).

Nesse sentido, a relação entre os atores sociais, instituições e sistemas da sociedade se dá de uma maneira muito mais complexificada, através de disputas de estratégias comunicacionais, o que faz com que a própria natureza dos media se transforme:

De acordo com o Fausto Neto é a partir da complexificação da sociedade, “com sua organização social sendo arquitetada por novas ligações sócio-técnicas” que ocorre um deslocamento da dinâmica e das regras dos campos e de suas estruturas, para processos estratégicos de natureza comunicacional. Essa compreensão sugere que há um atravessamento na sociedade de lógicas e protocolos mediáticos, porém, no estágio atual na midiaticização, a natureza do próprio campo dos media se modifica, na medida em que seu contatos com outros campos se baseiam muito mais em torno de estratégias do que de regras, fazendo com que a presença dos media se reduza perante aos demais campos a ofertas de sentidos. (ROSA, 2021, p.49).

Dessa maneira, entendemos que a Lava Jato surgiu como uma estratégia comunicacional que desencadeou uma série de dinâmicas comunicacionais, tais como a apropriação dos operadores jurídicos das lógicas de mídia, que a partir do estabelecimento de uma zona de contato com a mídia, o que permitiu que determinadas atribuições de sentido fossem engendradas na sociedade, a partir das repercussões nas redes sociais, que se retroalimentavam na própria sociedade, também estabelecendo discussões e debates nos campos jurídico e jornalístico, ultrapassando assim as zonas de fronteira. Já a Vaza Jato emergiu a partir da veiculação de vazamentos, como resposta a esta estratégia desenvolvida pela Lava Jato. Porém, algumas práticas realizadas pelo The Intercept Brasil em relação à Vaza Jato, como a divulgação das matérias através das redes sociais, disparo de newsletters oferecendo conteúdo inédito ao leitor, assim como eventos relativos às discussões sobre a Vaza Jato, contribuíram para uma circulação maior, tanto da Vaza Jato

como do acontecimento que rompeu com a Lava Jato, por propor novos debates acerca do jornalismo e do campo jurídico. Os comentários em redes sociais e site oficial, assim como discussões acadêmicas, colunas opinativas e reportagens amplificaram a circulação para outras fronteiras, provocando uma interpenetração de campos diversos. E alertamos para o fato de que os dois acontecimentos ainda se desenvolvem em um fluxo contínuo, gerando interpenetrações diversas, assim como outros atravessamentos de campos diversos. O jornalismo praticado pelo The Intercept Brasil propôs, através da Vaza Jato, uma ruptura ao modo tradicional de se fazer jornalismo no país, trazendo questionamentos sobre questões inerentes ao jornalismo, como a questão da neutralidade e objetividade jornalística e os critérios dos valores-notícia, e promoveu um debate público mais amplo, envolvendo de modo mais complexo o jornalismo com outros campos sociais. Essa ruptura demonstrada pela Vaza Jato se coloca como um desdobramento de um processo dentro do jornalismo que está modificando a sua própria antologia.

Esses dispositivos jornalísticos, além de proporem novos estilos de narrativas, novos formatos e novas formas jornalísticas, também trouxeram uma quebra de paradigma, pois o profissional que atua no jornalismo midiaticizado é atravessado em suas práticas justamente por estas lógicas midiaticizadas, as quais orientam suas ações, considerando o fluxo da circulação e os dispositivos interacionais. Porém, outra característica que se pode compreender desse fenômeno é que a Vaza Jato foi também capaz de repercutir fortemente em outros campos institucionais, como o campo jurídico e o campo político. A partir destas recentes leituras, me deparei com a possibilidade de estabelecer uma relação da noção de interpenetração com o conceito de circulação, no sentido de que há uma compreensão minha, a partir da pesquisa, de que vivemos em uma sociedade que não contempla mais a noção de campos cujas fronteiras são determinadas.

O que podemos identificar, em uma sociedade midiaticizada, são diversos processos comunicacionais tentativos entre sistemas, cuja ambiência ao entorno produz outras significações, a partir da diferença que se estabelece no processo comunicacional entre eles. Alertamos também para a complexidade deste caso, que se inspirou em um caso midiático, para realizar uma operação comunicacional provocada pelo campo jurídico ao se apropriar de lógicas midiáticas em suas ações, porém tornando-se midiaticizado, por conta das interpenetrações entre sistemas. Trazemos a compreensão sobre sistemas sugerida por Luhmann e entendida por Soster como “uma forma de diferenciação fundamentada na comunicação como vetor de operação social e que possui dois lados:

interno (o sistema propriamente dito) e externo (o ambiente em que ele se encontra).” (SOSTER, 2009, p. 22). E a partir desse entendimento, compreendemos a sociedade como “[...] o sistema abrangente de todas as comunicações, que se reproduz autopoieticamente, à medida que produz, na rede de conexões recursiva de comunicações, sempre novas (e sempre outras) comunicações”. (LUHMANN, 1997 apud SOSTER, 2009, p.22). A repercussão dessas ações provocou, não somente um grande debate público na sociedade, como uma movimentação nos campos jurídico, jornalístico e político, circuitos que desencadearam uma processualidade comunicacional, colocando em debate as processualidades jurídicas e jornalísticas. Dessa maneira, a Vaza Jato se apresenta como resultado dessa interpenetração de sistemas, originando uma nova ambiência de complexidade pré-construída. Inferimos que esse cenário somente seria possível ocorrer em meio a uma midiaticização em processo, tal como estamos vivendo, pois vivemos uma interpenetração de sistemas de matrizes comunicacionais, que se relacionam em processos tentativos, uma das características mais acentuadas da midiaticização. Essa imprevisibilidade se comprova ao assistirmos a crise institucional da Lava Jato e sua posterior extinção, com seus operadores jurídicos sofrendo investigações com uma disputa pública entre os sistemas jurídico e político, permeadas por lógicas de um sistema midiático.

Além da noção dos diversos campos que interagem entre si, na ambiência da midiaticização, verificamos a interpenetração entre sistemas, que se configura ela mesma como um produto da circulação, pois é o resultado da diferença entre estas interações. A midiaticização afeta todas as práticas sociais, produzindo feedbacks complexos, com consequências ou resultados que não podem ser percebidos em um primeiro momento. A partir dessa compreensão, inferimos que o jornalismo e o campo midiático se tornaram subsistemas da sociedade, assim como a esfera jurídica e política, e estes sistemas promovem, eles mesmos, disputas e negociações diversas, que desencadeiam transformações em seus próprios sistemas e nos outros, de mesmo modo no sistema maior, que é a sociedade como um todo. O constructo do trabalho que o The Intercept Brasil realizou desde o surgimento da Vaza Jato, suas estratégias argumentativas, autorreferenciais e autorreflexivas, mostram uma prática jornalística que tem atuado ativamente na própria transformação dos já mencionados sistemas. As respostas que emergem desse processo são imprevisíveis, e essa é uma outra característica bastante forte



---

no processo de midiáticação. A partir desta constatação, inferimos preliminarmente que a Vaza Jato é uma consequência imediata desta interpenetração de sistemas.

Percebemos também que a circulação de sentidos já se inicia no momento em que o acontecimento é percebido na ambiência jornalística por seus atores individuais, se transformando em intrigas e sendo recriado. E uma vez que é posto em circulação, por meio das interpenetrações, esse acontecimento passa a criar tensões entre sistemas, gerando um novo sentido a cada contato, produzindo novas realidades. Nessas tensões, as alterações não se dão apenas em termos de fluxo de informações, mas interferem na estrutura dos sistemas que se interpenetram, alterando processos e instaurando novas lógicas de funcionamento. A ambiência da midiáticação, que é viabilizada através da internet e das redes, permite, por meio das suas conexões, que o processo de correferencialidade se amplie a todos os dispositivos do sistema, fazendo com que novos acontecimentos sejam provocados através de disputas e/ou negociações, vindas de interpenetrações de sistemas. O acontecimento, dessa forma, retorna midiaticado para a sociedade, porém autorreferenciado. Suas manifestações não são mais centradas nas mídias, mas sofrem a afetação dos processos tentativos dos diferentes sistemas, através de dispositivos diversos, como redes sociais, sites, blogs, e as próprias mídias. Ou seja, quando o acontecimento começa a circular pelo aparato midiático, modificando e sendo modificado por ele, ele afeta de forma mais perceptível os campos sociais. Então os acontecimentos vão se transformando em sentido, porque a notícia que dispara o processo gera uma série de significações novas.

### **Estudo de caso midiaticado: uma construção metodológica**

Para dar conta desta análise apresentamos aqui uma breve discussão sobre a metodologia que foi elaborada para esta pesquisa. Construímos a noção de caso midiaticado, partindo da ideia de estudo de caso clássico, mas realizando essa necessária transição, por compreender que o caso analisado ocorre em uma processualidade não linear e assimétrica, trazendo uma complexidade processual que ainda ocorre no tempo e se retroalimenta através de disputas e negociações, gerando outros sentidos diversos. Para abarcar a análise de um fenômeno tão complexo, que poderia justamente identificar as marcas de midiáticação, assim como as relações de interpenetração que mesclam diferentes campos e dinâmicas, uma das estratégias metodológicas que pareciam mais



adequadas era justamente a construção de um caso midiaticado. Essa construção do caso midiaticado se inspira no trabalho desenvolvido pela pesquisadora Aline Weschenfelder (2019), em sua tese de doutorado, e parte da construção da autora para uma elaboração adequada ao caso em análise que se baseia inicialmente em uma diferenciação entre o estudo de caso midiático e o estudo de caso midiaticado:

As diferenças que se colocam entre caso midiático e caso midiaticado apontam para incidências da circulação, que também sofre injunções em função das metamorfoses decorrentes do avanço sócio-técnico e suas incidências nas práticas comunicacionais. O caso midiático enfatiza o trabalho dos meios, enquanto o caso midiaticado busca apresentar processualidades e múltiplas operações técnico-discursivas empreendidas por vários meios, instituições, indivíduos e coletivos (VERÓN, 1997)”. (WESCHENFELDER, 2019, p. 84).

Voltando propriamente ao caso, justificamos o uso do caso midiaticado justamente por trazer, na análise empírica, as disputas complexas que se travam entre os dois níveis de estratégias comunicacionais, que ao se relacionarem, causam na diferença entre essas interações uma profusão de novos sentidos que surgem mediante o processo de circulação, em um fluxo temporal sempre adiante, porém, remixando sentidos. A partir da análise destes dois contextos, refletimos como as agendas jornalísticas se comportam tanto no caso da cobertura da Lava Jato, quanto no caso da Vaza Jato, para compreender até que ponto há convergência de agendas e diferenças entre os dispositivos jornalísticos. Devemos também levar em consideração que os novos atores jornalísticos atuam sobre outras lógicas. Consideram o tempo de circulação da mensagem e os novos sentidos que se produzem a partir dele, pensam a comunicação de forma dinamizada, publicada em diferentes plataformas, com conteúdo personalizado em cada um deles, utilizam seus colaboradores como parte do processo de circulação, dando liberdade para o jornalista falar, em seus espaços digitais, como um interlocutor do próprio dispositivo jornalístico. Essas novas dinâmicas comunicacionais, assim como a diferença entre processualidades e processos, conferem a necessidade da elaboração de um processo metodológico tentativo que dê conta destas questões.

### **Análise empírica: disputas e conflitos**

Para a realização de uma investigação das estratégias jornalísticas, elaboramos um mapa do corpus de análise, conforme demonstrado na Imagem 1. A partir de uma leitura

aprofundada sobre os programas do Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, das capas da Revista Veja e das reportagens da Folha de São Paulo, em contraponto com a série de matérias denominadas Vaza Jato, produzidas pelo The Intercept Brasil, apresentamos os indicadores das marcas de midiatização, além das pistas sobre as disputas e negociações entre as duas estratégias argumentativas.

Imagem 1: Mapa do corpus de análise

<p><b>Leitura da Lava Jato segundo estratégias jornalísticas</b></p>	<p><b>Rede Globo/Jornal Nacional:</b> Edições 16/5/2016; 10 e 11/5/2017;</p> <p><b>Revista Veja</b> Edições 2397, 2398 (2014); 2424, 2436, 2458 (2015); 2469, 2480, 2496 (2016); 2529 (2017); 2567, 2577 (2018); 2639, 2657, 2642 (2019).</p> <p><b>Folha de São Paulo:</b> 1) “Nova fase da Operação Lava Jato mira apartamento Triplex ligado a Lula” (28/1/2016); 2) “Lava Jato cogita abrir ação que impediria candidatura de Lula” (7/3/2016); 3) “PMDB deve tentar neutralizar ou reduzir danos da Lava Jato” (13/5/2016); 4) “Lava Jato intensifica operações em 2016” (16/5/2016).</p>
<p><b>Leitura da Vaza Jato segundo estratégias jornalísticas</b></p>	<p><b>The Intercept Brasil:</b> 1) “As Mensagens Secretas da Lava Jato” (6/6/2019); 2) “‘Mafiosos!’” (6/6/2019); 3) “A defesa já fez o showzinho dela” (14/06/2019); 4) “A quem interessa a narrativa dos ‘hackers criminosos’ na #VazaJato” (17/6/2019); 5) “Moro sempre viola o sistema acusatório” (29/06/2019); 6) “Como o Intercept Brasil confirma a identidade das pessoas que aparecem nos chats da #VazaJato” (08/07/2019); 7) “A reação do governo Bolsonaro contra a Vaza Jato mostra por que nossas reportagens sobre o arquivo secreto são tão vitais” (28/07/2019); 8) “A Folha está com o Intercept na Vaza Jato – leia 1ª reportagem” (23/6/2019); 9) “Parceria com Veja mostra desvios inéditos de Moro” (5/07/2019); 10) “Conversas de Lula mantidas em sigilo pela Lava Jato enfraquecem tese de Moro” (8/9/2019); 11) “Um ano de Vaza Jato” (9/6/2020)</p>
<p><b>Disputas estratégicas intersistêmicas depois da Vaza Jato</b></p>	<p><b>Folha de São Paulo:</b> 1) “O pós-Lava Jato” (26/02/2021); 2) “Conheça suspeitas em torno do ex-presidente Lula, agora ficha limpa por decisão do Supremo” (20/3/2021); 3) “Folha cobriu Lava Jato com olhar crítico ao longo de 7 anos da operação” (29/3/2021).</p> <p><b>Revista Veja:</b> Edição 2655 (10/2019) e 2734 (4/2021); Edição Veja online (6/2019),</p> <p><b>Rede Globo/Jornal Nacional:</b> Edições 9/3/2021 e 29/3/2021.</p>

Fonte: ROSA, 2021, p.91

Através de uma análise comparativa, foi possível a constatação de que a circulação opera ao produzir sentidos diversos, que são resultados das diferenças entre os sentidos produzidos pelos atravessamentos entre campos e da interpenetração entre sistemas que provocaram as coberturas jornalísticas produzidas pela mídia hegemônica quanto à Operação Lava Jato em contraponto com a série de reportagens da Vaza Jato. Na análise dos materiais encontramos uma estratégia argumentativa que dominava as coberturas jornalísticas da mídia hegemônica na publicização da Operação Lava Jato.

Há uma convergência de sentidos nas narrativas propostas tanto pelas reportagens do Jornal Nacional, quanto as capas da Revista Veja e das reportagens da Folha de São Paulo: um relato declaratório que referenda a argumentação proposta pelos operadores jurídicos da Lava Jato, que ao adotar no seu discurso elementos típicos de lógicas midiáticas, sofreu assim um fenômeno de co-dependência mútua e quase plasmagem enunciativa. Ao divulgar para a imprensa um discurso que se ampara nas lógicas jornalísticas, na qual o discurso jurídico se confunde com a enunciação jornalística, o próprio sistema judiciário se torna um enunciador e agente de enquadramento noticioso que é passivamente publicado pelo sistema jornalístico, sem alguma crítica ou contestação. A Vaza Jato surge como a estratégia de criticar não somente as ações dos operadores jurídicos da Lava Jato, mas também da cobertura jornalística que se realizou sobre o evento. Os materiais produzidos pelo The Intercept Brasil deixam claro essa proposição, ao comprovar através dos diálogos entre os procuradores, agentes da polícia federal e Moro que havia de fato uma relação de cumplicidade entre os agentes do judiciário e jornalistas que cobriam o fato, no sentido de criar uma narrativa que culpabilizasse o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva:

Durante o surgimento da Operação Lava Jato até a prisão de Lula, a estratégia argumentativa que imperava era a sugerida pelos operadores jurídicos da Lava Jato, que ao adotar lógicas midiáticas em seus processos, contaram com a adesão da imprensa hegemônica ao seu discurso. Nesta narrativa, a intenção era provar que Lula era o chefe de um esquema de corrupção que relacionava a iniciativa privada e o setor público, com a anuência do Governo Federal. A figura de Lula emerge como elemento principal desta construção, pois é através da representação imagética que o político simbolizou perante parte da sociedade que a operação construiu sua estratégia narrativa que motiva as ações dos operadores da Lava Jato e que provoca o interesse da mídia, pois foi através do antipetismo que a Operação Lava Jato ganhou força. Sendo assim, para que a narrativa surtisse efeito, fazia-se necessária a construção de uma estratégia argumentativa que objetivasse a derrocada política do líder de esquerda. E nesse primeiro momento, o juiz Sergio Moro assumiu o lugar de antagonista de Lula, como comandante das ações da Lava Jato, tendo como cúmplice e parceiro o procurador Deltan Dallagnol. (ROSA, 2021, p. 221).

Dessa maneira, reforçamos que a Vaza Jato não somente atuou em uma transformação da narrativa jornalística sobre estes acontecimentos, mas teve como uma das consequências evidenciar a parcialidade<sup>3</sup> do juiz Sergio Moro em suas ações, fazendo

<sup>3</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/ao-vivo/caso-lula-julgamento-no-stf.ghtml>. Acesso em 11 ago 2021.

---

com que posteriormente as decisões judiciais do magistrado fossem julgadas pelo Supremo Tribunal Federal, que declarou suas decisões legais suspensas quanto ao julgamento de Lula no caso do Tríplice. Essa ação reforça a importância da Vaza Jato quanto a denúncia da Operação Lava Jato como uma operação midiática com ações de lawfare<sup>4</sup>. Foi a partir do surgimento da Vaza Jato que as ações dos agentes da Operação Lava Jato começaram a ser contestadas, propiciando inclusive uma mudança de narrativa de jornalistas que até então defendiam a Lava Jato, como Reinaldo Azevedo. Outro caso interessante é a mudança de narrativa da Revista Veja, que chegou a fazer uma autocrítica em uma Carta ao Leitor, afirmando que contribuiu com uma construção de imagem de herói acerca do juiz Sergio Moro e dedicando um enorme número de capas de sua publicação a retratar o ex-presidente Lula como réu, para em 2021 publicar uma capa em que traz o mesmo personagem como esperança de mudança política para 2022.

### **Considerações finais**

A partir da análise dos materiais, aferimos que uma das maiores revelações da Vaza Jato foi demonstrar que a Operação Lava Jato tinha o foco centralizado em referências oriundas da midiática em processo, segundo operações comunicacionais nas quais o operador jurídico se deslocou de seu campo e interveio no circuito social, devido à sua interpenetração com o sistema jornalístico hegemônico, capturando indícios que foram dinamizados, em termos interpretativos, favor de sua narrativa, gerando uma série de efeitos. Essa complexa relação se demonstra como uma dinâmica diferente do que ocorria na época da sociedade dos meios, onde os campos/sistemas guardavam fronteiras uns com os outros. Neste contexto, as interações comunicacionais se passam atualmente em um ritmo de simultaneidade e quase plasmagens. Percebemos momentos em que o discurso jurídico está tão revestido pelo discurso midiático que nem parece falar de um jurista, mas enunciações jornalísticas, uma vez que os operadores de comunicação permeiam, por exemplo, textos e alocações do juiz. Outra constatação que a pesquisa possibilitou foi a certeza de que a publicização em torno do vazamento da ligação entre Dilma Rousseff e Lula tenha sido um dos catalisadores da própria derrocada da narrativa da Lava Jato. A Vaza Jato se insere nesse circuito, segundo ruptura deste

---

<sup>4</sup> O termo lawfare é compreendido como o uso ou manipulação das leis como um instrumento de combate a um oponente, desrespeitando os procedimentos legais e os direitos do indivíduo que se pretende eliminar, como uma arma para alcançar uma finalidade político social.

---

modelo de narrativa, quando mostra, via publicação das conversas entre os integrantes da Operação Lava Jato, uma série de inconsistências entre a narrativa que estava sendo apresentada e o que de fato ocorria, como por exemplo, a interferência de Moro na atuação da equipe de procuradores da Operação Lava Jato.

Somente quando a Vaza Jato surgiu, é que os sistemas judiciário e jornalístico foram forçados a refletir sobre as condutas dos atores do judiciário, aceitando que a operação obteve a visibilidade porque foi fruto de uma campanha midiática, cujo objetivo era meramente político. No sistema jornalístico também podemos perceber novas lógicas comunicacionais, que influenciaram suas práticas profissionais:

Outra questão agregadora ao sistema jornalístico foi a ressignificação das mídias independentes, que passaram a ser vistas com relevância, como consequência da série de estratégias realizadas pelo The Intercept Brasil, como a parceria com outras mídias hegemônicas, o que ampliou o alcance de disseminação. Outro é a divulgação das matérias através das redes sociais pelo The Intercept Brasil, como o disparo de newsletters, oferecendo conteúdo inédito ao leitor que se inscrevia, assim como eventos relativos às discussões sobre a Vaza Jato, que contribuiu para uma circulação maior do que estava sendo publicado. Um dos efeitos desta intervenção interpretativa, é a criação de novos circuitos, cujos fluxos de leituras se passam através de comentários em redes sociais e do site oficial, assim como em discussões acadêmicas, em colunas opinativas e em reportagens, que também amplificaram a circulação para outras fronteiras. (ROSA, 2021, p. 228).

Na análise deste caso, valorizamos a questão teórica aqui esboçada, de que foi através das disputas argumentativas que emergiram como resultado sentidos bifurcantes sobre a questão, segundo dinâmica da ambiência da midiatização. Destaca-se a interpenetração entre sistemas, que se configurou ela mesma como um produto da circulação, pois é o resultado da diferença entre estas interações. A midiatização, ao afetar todas as práticas sociais, produziu feedbacks complexos, e como consequência, a produção de sentidos que somente podem ser percebidos e analisados quando ganham forma no cenário das discursividades sociais. A partir dessa compreensão, inferimos que o jornalismo e o campo midiático se tornaram subsistemas da sociedade, assim como a esfera jurídica e política. Estes sistemas promoveram entre si disputas e negociações diversas, que desencadeiam transformações em seus próprios sistemas e nos outros, assim como em um sistema maior, que é a sociedade como um todo.

## Referências

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: JANOTTI JR, J.; MATTOS, M. A.; JACKS, N. *Mediação & Mídiação*. Salvador: EDUFBA, Brasília, **Compós**, 2012, p.31-52.

FAUSTO NETO, Antônio. Mídiação da enfermidade de Lula: sentidos em circulação em torno de um corpo-significante. In: JANOTTI JR, J.; MATTOS, M. A.; JACKS, N. *Mediação & Mídiação*. Salvador: EDUFBA, Brasília, **Compós**, 2012, p.-52.

\_\_\_\_\_. A circulação além das bordas In: FAUSTO NETO, Antônio. VALDETTARO, Sandra. (org.). **Mediatización, Sociedad y Sentido: Diálogos entre Brasil y Argentina**. Rosario, Argentina: Departamento de Ciencias de La Comunicación, Universidad Nacional de Rosario, 2010, p.2-15. Disponível em: <http://rephip.unr.edu.ar/bitstream/handle/2133/1500/mediatización,%20sociedad%20y%20sentido.pdf?sequence=1#page=3>. Acesso em 5 jul 2020.

\_\_\_\_\_. Circulação: trajetos conceituais. **Revista Rizoma**, v.6, n. 2. Santa Cruz do Sul, 2018.

LUHMANN, Niklas. **Sistemas Sociais: esboço de uma teoria geral**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

ROSA, Bianca. **Estratégias de construções jornalísticas: Lava Jato e Vaza Jato**. 2021. 241f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2021.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **O jornalismo em novos territórios conceituais: internet, mídiação e a reconfiguração dos sentidos midiáticos**. 2009. 184 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2009.

VERÓN, Eliseo. Teoria da mídiação: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Revista Matrizes**. São Paulo, n. 1, v.8, p. 13-19, 2014.

WESCHENFELDER, Aline. **Manifestações da mídiação - transformação dos atores sociais em produção e recepção: o caso Camila Coelho**. 2019. 239 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2019.